

Crise leva desemprego ao polo

Recuperação depende do comportamento do mercado e da volta da confiança tanto dos investidores quanto dos compradores.

DAREDAÇÃO
A crise econômica instalada no polo de Cubatão (e por extensão Guarujá e Bertioga) fez o mercado de trabalho no setor industrial perder pelo menos três mil empregos nos últimos dois anos, segundo estimativas da Fiesp-Ciesp. Para recuperar as vagas perdidas, os dirigentes das indústrias de base do polo, que é especializado em fabricar produtos para a indústria de transformação, dependem do comportamento do mercado e da volta da confiança tanto dos investidores quanto dos compradores.

Mas o prognóstico da Fiesp-Ciesp para o emprego industrial em 2016 indica não só a

ausência de um processo de recuperação como mais perdas de postos de trabalho ao longo do ano. Em 2013, as 19 indústrias e empresas de apoio à atividade mantinham 27.676 pessoas trabalhando entre quadros efetivos e prestadores de serviços a empresas contratadas, segundo o Relatório Anual 2014 do Polo Industrial de Cubatão. Nesse ano, 12.730 pessoas trabalhavam na área de siderurgia (46%); 4.535 (17%) na área de química e petroquímica; 3.875 (14%) na de fertilizantes e 6.365 (23%) em serviços diversos de apoio. A imensa maioria desses trabalhadores reside em Santos, São Vicente,

Guarujá e Praia Grande. Parcela menor mora em Cubatão. Embora não tenha ainda elaborado os relatórios dos anos de 2014 e de 2015, a regional do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp) tem passado informações mensais à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) indicativas do quadro geral de retração das atividades industriais e de fechamento de postos de trabalho refletidos pelo Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos da Fiesp e do Ciesp (Depecon). Não foi só a indústria que fechou postos de trabalho em Cubatão. Segundo o levantamento do Cadastro Geral dos

Empregados e Desempregados (Caged) de 2015, houve uma diminuição de 10% do número de empregos formais em todos os setores, desde a indústria até o comércio e prestadores de serviços. De forma geral, foram 3.563 empregos perdidos. De 35.567 trabalhadores devidamente registrados em 1º de janeiro de 2015 houve uma redução para 32.004 trabalhadores em 31 de dezembro. Entre os setores que mais demitiram, o destaque é a ligação indireta com a indústria automotiva (caso da Usiminas). O setor fechou 33.217 vagas em 2015, seguido pelo segmento de produtos de metal, com 33.057 postos de trabalho a menos.



Guilherme Moreira, gerente do Depecon

Demissões atingiram todos setores de SP

■ As demissões atingem todos os setores e regiões de SP em 2015. E a indústria paulista perdeu 235 mil vagas, com o registro do pior desempenho na série histórica da Pesquisa de Nível de Emprego da Fiesp e do Ciesp. Somente em dezembro, foram fechadas 53.500 vagas, com piora em todas as regiões do Estado e em todos os setores industriais. O Depecon projeta queda de 6% do emprego na indústria em 2016, o equivalente a pelo menos 165 mil vagas fechadas este ano.

POUCO ALENTO
Na avaliação do gerente do Depecon, Guilherme Moreira, a desvalorização do real frente ao dólar pode trazer “um pouco de alento para a indústria. Mas a forte queda da demanda doméstica não garante perspectiva de que 2016 recupere os empregos perdidos em 2015”. De acordo com Moreira, se a perspectiva para 2016 se concretizar, a indústria de São Pau-

lo terá demitido mais de 500 mil trabalhadores entre 2014 e 2016. No ano retrasado, o setor fechou 129,5 mil vagas.

CONFIANÇA
Moreira explica que, em tempos de crise, a indústria é o primeiro segmento da economia a desaquecer. Mas, no momento de recuperar as perdas, é o setor manufatureiro que, tradicionalmente, deveria liderar o país na retomada do crescimento. O gerente do Depecon lembra que o primeiro passo em direção à recuperação deve ser a retomada da confiança empresarial para voltar a investir. “Em todos os indicadores a queda da confiança é generalizada, tanto da indústria, quanto do comércio, serviços e por parte dos consumidores”, explica ele. “Então, o primeiro passo é ter confiança. Mas isso depende de uma série de fatores que a gente não enxerga hoje no horizonte”, afirma.



As demissões atingiram principalmente o setor siderúrgico, em razão da queda da produção de veículos e da concorrência com o aço chinês

Petrobras fará reforma administrativa

DE BRASÍLIA
A Petrobras anunciou ontem que vai adotar um novo modelo de gestão e governança. Em comunicado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), a empresa informou que o modelo foi aprovado pelo Conselho de Administração. O presidente da estatal, Aldemir Bendine, que participou de entrevista para explicar as alterações, disse que o novo modelo faz parte de “um plano muito bem estruturado”, envolvendo mudanças na governança da companhia que “vão ser aprofundadas ao longo do tempo”.

Na primeira fase da reestruturação haverá redução

de 14 funções na alta administração e nas diretorias, que passarão de sete para seis com a junção das áreas de Abastecimento e Gás e Energia. As funções gerenciais ligadas diretamente ao Conselho de Administração, ao presidente e aos diretores cairão de 54 para 41. As demais funções do corpo gerencial serão avaliadas na segunda etapa, prevista para fevereiro. Segundo a empresa, as nomeações e a alocação de equipes ocorrerão a partir de março. A nova Diretoria de Desenvolvimento da Produção & Tecnologia (DP&T) centralizará a execução dos projetos de inves-

timento. “Essa nova estrutura concentrará a gestão e as competências técnicas de implantação de empreendimentos”. A empresa informou que a mudança é decorrente “da necessidade de alinhamento da organização à nova realidade do setor de óleo e gás e da prioridade da rentabilidade e disciplina de capital, além de fortalecer a governança da companhia por meio de maior controle e conformidade nos processos e da ampliação dos níveis de responsabilização dos executivos”. Com as alterações houve fusão de áreas e centralização de atividades. Haverá ainda no-

vos critérios para a indicação de gerentes executivos e responsabilização formal de gestores por resultados e decisões. A Petrobras estima que vai economizar R\$ 1,8 bilhão por ano com as mudanças e prevê uma redução de pelo menos 30% no número de funções gerenciais em áreas não operacionais. Conforme a compa-

nhia, existem cerca de 7,5 mil funções gerenciais aprovadas, 5,3 mil em áreas não operacionais. A empresa anunciou também que serão criados seis comitês técnicos estatutários, compostos por gerentes executivos. Após análise prévia, eles terão a função de emitir recomendações sobre os temas que serão deliberados pelos diretores, que serão corresponsáveis nos processos decisórios. A partir de agora, a escolha dos gerentes executivos passará por novos critérios de análise de capacitação técnica e de gestão. As nomeações e o desligamento dessas funções terão que ser aprovadas pelo Conselho de Administração. “Ao reforçar o compromisso com a conformidade, nossa reestruturação prevê mudanças nos controles internos de contratação e investimentos”. A companhia informou também que as mudanças resultantes das alterações no Estatuto Social serão submetidas à aprovação da Assembleia Geral de Acionistas. (Agência Brasil)



Na entrevista, o presidente da empresa, Ademir Bendine, afirmou que as mudanças serão aprofundadas